

SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA: ENTRE O MOVIMENTO PSICANALÍTICO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PSICANÁLISE

*Joana Souza**

RESUMO:

A proposta do trabalho é de delimitar a importância do tema da formação do analista. Para tanto, descreve-se como o desejo de saber de Freud tornou-se o ponto de partida para a construção do campo psicanalítico e como este se encontra ligado à dimensão da experiência singular vivida por seu criador. Nessa direção, abordamos a questão da institucionalização da psicanálise e os impasses que se colocaram à questão da formação do analista a partir do momento em que os critérios estabelecidos para sua transmissão assumiram um caráter de fixidez.

PALAVRAS-CHAVES: Formação. Psicanálise. Instituição.

* Psicanalista. Psicóloga. Mestranda em Clínica e Pesquisa em Psicanálise pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Possui Especialização em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Associada do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro. Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Teresópolis. Endereço: Av. Lúcio Meira, 14 Várzea Teresópolis – RJ. CEP. 25953-003.E-mail: joanapsi@uol.com.br

Introdução

A construção do campo psicanalítico atrela-se fundamentalmente à dimensão da experiência singular vivida por Freud, revelando-nos que a história da psicanálise confunde-se com a história de seu criador.

Freud, em seu “Estudo autobiográfico”, ao registrar a história de sua vida, relaciona-a diretamente com sua trajetória na criação da psicanálise. Nesse texto o autor nos informa que nunca sentira uma “predileção particular pela carreira de médico” e que sua “curiosidade” estava voltada para as “preocupações humanas” (FREUD, 1914, p. 77), o que nos permite compreender seu gradativo afastamento do modelo médico, seguido do luto pelos ideais que permeiam esse campo, e seu avanço no sentido de aprofundar suas pesquisas a respeito do aparelho psíquico humano.

Essa passagem gradativa do campo médico para o campo psicanalítico pode ser verificada ao se empreender uma leitura atenta de alguns textos freudianos. As primeiras publicações psicanalíticas, por exemplo, revelam o empenho de Freud para que o campo médico reconhecesse a importância dos fenômenos subjetivos na etiologia das “doenças nervosas”. Nesse período, influenciado por Charcot, Freud começa a tratar seus pacientes através do método catártico fazendo uso do hipnotismo e da sugestão, com o objetivo de fazer desaparecer os sintomas. Nesse período encontramos um Freud ainda identificado aos ideais de cura do campo médico.

O abandono do método catártico deu-se a partir da descoberta da existência de uma sobredeterminação psíquica na gênese das neuroses, ou seja, uma multiplicidade de fatores psíquicos que determinam seu surgimento. A transformação do método catártico (sugestivo) em psicanálise foi possível a partir da descoberta de *novos fatores*, tal como nos informa Freud:

Entre os outros fatores que foram acrescentados ao processo catártico como resultado de meu trabalho e que o *transformou* em psicanálise, posso mencionar em particular a teoria do recalque e da resistência, o reconhecimento da sexualidade infantil e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente (FREUD, 1914, p. 25).

Os conceitos acima mencionados foram construídos a partir das análises efetuadas por Freud em sua clínica e constituem os pressupostos que sustentam a

metapsicologia freudiana. Destacamos que foram os equívocos e os insucessos experimentados nos primeiros anos de sua prática, que permitiram a Freud se interrogar sobre a natureza dos fenômenos que presenciava a cada encontro com seus pacientes.

A partir de 1910, encontramos um Freud imbuído na transmissão e defesa da psicanálise. É nesse período, também, que Freud começa a se preocupar em circunscrever o método psicanalítico, escrevendo uma série de artigos sobre a técnica onde pretende delinear a especificidade do método psicanalítico e o lugar ocupado pelo analista (FREUD, 1912-1913).

Consideramos que Freud, ao escrever sobre o método psicanalítico, preocupou-se em estabelecer critérios éticos que pudessem direcionar os futuros psicanalistas, e não com uma descrição pura e simples de uma técnica a ser seguida. Não é sem razão que Freud chama de “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” o texto que consideramos de maior importância dentre os escritos sobre a técnica, pois é nele que encontramos a regra fundamental da psicanálise - a associação livre e sua contrapartida, a atenção flutuante (FREUD, 1912-1913, p. 125).

Da mesma forma que os pressupostos teóricos, a técnica psicanalítica fora construída a partir da experiência vivida por Freud, passando gradativamente por transformações, tal como indica no trabalho intitulado “As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica”. Nesse artigo Freud descreve uma mudança gradual na técnica psicanalítica que, anteriormente consistia no uso da sugestão por parte do analista, sendo que, o que se vê a seguir é o discurso do paciente ocupando cada vez mais uma posição central no tratamento.

Consideramos, pois, que há uma especificidade própria no campo psicanalítico que é indissociável da experiência. A experiência freudiana e a predominância de seu desejo constituem-se como a pedra fundamental sobre a qual foi construída a metapsicologia freudiana.

A construção do campo psicanalítico teve como ponto de partida o desejo de saber de Freud, e nesse sentido, Cottet assevera que considerar o desejo de Freud como sendo à base de sua construção teórica não invalida “seu discurso”, e que, a “dependência” de cada psicanalista em relação a esse desejo é que pode “evitar a crescente degradação de seus conceitos” (COTTET, 1982).

Nota-se, portanto, que a especificidade do campo psicanalítico encontra-se ligada ao ser do próprio analista e à dimensão de sua experiência, enquanto herdeiro do desejo do criador da psicanálise.

Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a institucionalização da psicanálise

O que diferencia o campo psicanalítico do campo médico é a dimensão da experiência, pois é a partir do encontro singular entre o psicanalista e seu analisando que um saber pode vir a se constituir num *a posteriori*. Freud nos ensina que a experiência psicanalítica não se dá a partir de um saber já instituído e tomado como universal. O campo médico, por sua vez, por ser regido pelas leis da ciência, coloca-se como detentor de uma verdade universal (LACAN, 2003, p.305-307).

Apesar de no início de sua carreira clínica Freud (1895[1950]) tentar construir uma psicologia científica, notamos, no decorrer de sua obra, como Freud foi se afastando desse objetivo ao permitir ser surpreendido pelo que lhe contavam suas pacientes histéricas a cada encontro. O desejo de saber de Freud possibilitou a descoberta do inconsciente, do papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses, do recalque, do complexo de Édipo, da transferência e da resistência, conceitos que fundamentam os pressupostos teóricos da psicanálise.

São esses pressupostos teóricos construídos a partir do *a posteriori* da experiência freudiana que servirão de balizas para a clínica psicanalítica. Desta forma, qualquer prática que não considere esses pressupostos não pode ser chamada de psicanálise.

Esse fato nos coloca diante de uma questão extremamente relevante no contexto da experiência psicanalítica, ou seja, a forma como cada analista apropria-se da teoria psicanalítica. Se a psicanálise fundamenta-se na dimensão da experiência, é preciso pensar qual o lugar da teoria na formação dos psicanalistas.

No processo de formação psicanalítica é possível que a teoria, enquanto um saber venha a se constituir como objeto de investimento por parte do analista em formação. Nesse sentido Didier-Weill (2006) assevera que “não é pelo fato de um analista aquiescer à teoria analítica que ela lhe é, por essa razão autenticamente passada” (p.21), ou seja, somente o estudo da teoria psicanalítica não é suficiente para formar um analista. Ao estabelecer os critérios válidos na formação do psicanalista Freud (1912) coloca em destaque a necessidade de que o aspirante passe pela experiência da análise pessoal. O aprendizado depende da experiência de análise. Em outras palavras, é necessário que o analista em formação passe pelo mesmo processo vivenciado por Freud, tal como afirma Leite (1999): “de desconstrução dos ideais previamente estabelecidos, e das formas que se coloquem como absolutas”, distanciando-se da “lógica presente no campo médico e, conseqüentemente, com uma dada moral presente no campo cultural de sua época”.

Considerando a experiência freudiana como sendo o fundamento da psicanálise, passamos a nos interrogar: Qual o modelo de formação adotado por tais Instituições e como elas se estabeleceram no decorrer da história do movimento psicanalítico? Como as Instituições psicanalíticas criadas com o intuito de transmitir e defender a psicanálise pode manter vivo o desejo, fazendo-o retornar sempre que as questões que permeiam as instituições se interpõem?

Estas e outras questões serão abordadas a seguir, a fim de delinear como a questão da formação psicanalítica se desenvolveu durante os anos de expansão do movimento psicanalítico.

O legado de Freud

Durante os primeiros anos da construção do campo psicanalítico, Freud viveu um profundo isolamento, devido à rejeição de suas teorias pelo meio médico-acadêmico. Passados esses anos de “solidão” Freud, o criador da Psicanálise, vê-se diante dos impasses suscitados pelo crescente interesse que a psicanálise despertara em profissionais de diversos campos do saber oriundos de várias partes do mundo.

A partir de 1910 os anos de isolamento deram lugar a um crescente interesse pela psicanálise desencadeando o chamado movimento psicanalítico. Nesse mesmo ano, no 2º Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Nuremberg, por iniciativa de Freud e Ferenczi, foi criada a *International Psychoanalytical Association* (IPA), uma instituição cujo caráter deveria ser o de transmitir e ao mesmo tempo defender a psicanálise de seus opositores, tanto externos quanto internos. Freud justifica a criação IPA da seguinte forma:

Julgava necessário formar uma associação oficial porque temia os abusos a que a psicanálise estaria sujeita logo que se tornasse popular. (...) Nas sessões dos grupos locais, seria ensinada a prática da psicanálise e seriam preparados médicos, cujas atividades recebiam assim uma espécie de garantia. (...) Além disso, visto que a ciência oficial lançara um anátema solene contra a psicanálise e tinha declarado um boicote contra médicos e instituições que a praticassem, achei que seria conveniente os partidários da psicanálise se reunirem para a troca e ideias amistosas, e para apoio mútuo (FREUD, 1914, p. 52).

A IPA foi criada em março de 1910 e Jung, que nessa época contava com a grande simpatia de Freud foi eleito o primeiro presidente. Nesse congresso foram estabelecidas sociedades localizadas nas cidades de Berlim, Zurique e Viena.

Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a institucionalização da psicanálise

Os primeiros quatro anos de desenvolvimento do movimento psicanalítico foram penosos para Freud, tendo em vista a imensa gama de problemas que surgiram relacionados à questão da preservação dos pressupostos teóricos estabelecidos por Freud, da formação dos analistas, sem mencionar a crescente animosidade que surgiu entre os grupos de Viena e Zurique, e a deserção de Adler e Jung por defenderem pressupostos teóricos opostos aos da psicanálise.

Em meio a essas dificuldades, a questão da formação psicanalítica tornou-se o centro das discussões. A pergunta que se fazia era: quem pode e quem não pode praticar a psicanálise? Com vistas a solucionar essa questão dá-se início ao processo de institucionalização da formação, processo esse, que foi responsável por transformar aquilo que era da ordem do desejo em obrigação e o que era da ordem do rigor em rigidez.

Antes que o processo de institucionalização fosse iniciado, a formação consistia na leitura e discussão das obras de Freud, sejam nas chamadas reuniões das quartas-feiras que aconteciam na casa de Freud, ou na troca de correspondências com seus interlocutores.

No artigo “A história do movimento psicanalítico”, escrito em 1914, Freud descreve como se deu, inicialmente, o avanço da psicanálise especificamente a partir de 1902, quando jovens médicos demonstram interesse em aprender, praticar e difundir o conhecimento da psicanálise. É interessante como Freud acolhe o desejo desse grupo, passando a reunir-se com ele regularmente em sua casa, transmitindo-lhe todo o conhecimento que até então havia adquirido em sua prática na clínica. Chama-nos a atenção nesse artigo, a forma como Freud descreve esse pequeno grupo: “... os participantes se esforçavam por alcançar sua orientação nesse novo e estranho campo de pesquisa, e de despertar em outros o interesse por ele”(FREUD, 1914, p.35).

Nota-se, que o ponto de partida para que a transmissão ocorresse foi o desejo de saber desses jovens, dentre os quais estava Otto Rank, que se tornou “um auxiliar e colaborador dos mais fiéis”, segundo atesta o próprio Freud. Verifica-se que nesse momento ainda não haviam sido estabelecidas quaisquer regras ou critérios para o aprendizado da psicanálise, no entanto, já se vislumbra os efeitos de transmissão e de formação que o seu ensino é capaz de causar, como afirma Freud:

Incluía, desde o início, os que mais tarde viriam a desempenhar papel considerável, embora nem sempre aceitável, na história do movimento psicanalítico. (...) Eu tinha todos os motivos para estar satisfeito, e

penso que fiz o possível para transmitir meu conhecimento e experiência aos outros (FREUD, 1914, p.35).

Freud não podia, nesse momento, prever todos os dissabores que o esperavam em consequência da expansão da psicanálise e as dificuldades ligadas ao seu ensino e sua prática.

À medida que a psicanálise despertava interesse, especialmente no meio acadêmico, Freud passou a ser convidado para ministrar conferências e apresentar ao mundo suas recentes descobertas, visitando diversas Universidades e centros acadêmicos. Por onde passava, deixava atrás de si um grupo interessado em prosseguir com suas pesquisas, o que proporcionou um avanço extremamente rápido da psicanálise nos anos seguintes.

A psicanálise, até então, preservava sua característica de ser um movimento, onde a formação se dava num processo de continuidade e seu ensino conservava a característica de ser a transmissão de um desejo que teve início em seu criador.

A institucionalização da formação

Com a criação da IPA em 1910, a tarefa do ensino e transmissão da psicanálise, que antes pesava sobre os ombros de Freud, foi transferida para um grupo de psicanalistas que – motivados por suas próprias resistências – construíram um modelo de formação, de caráter dogmático, com vistas a garantir à psicanálise um estatuto de respeitabilidade. Cabia a esta instituição determinar o que é e o que não é psicanálise e quem seria digno do título de psicanalista. O que se seguiu foi a instituição de regras oficiais para a formação dos psicanalistas.

A elaboração desse modelo de formação passou por várias etapas até assumir a forma que perdura, até o presente momento, nas sociedades ligadas a IPA. Num primeiro momento, será introduzida a análise didática como a primeira das exigências a ser feita a aqueles que quisessem praticar a psicanálise. Herman Numberg, em 1918 no Congresso de Budapeste, sugere que os analistas deveriam submeter-se, também, a uma análise, sendo que, somente em 1925 no Congresso de Homburg é que a análise chamada didática será instituída como uma regra oficial para a formação de analistas.

Em 1920 por iniciativa de Karl Abraham e Max Eitingon, foi criado em Berlim o primeiro Instituto de Formação de analistas (International Training Commission), cujo

caráter seria o de estabelecer um sistema de formação que fosse adotado por todas as sociedades locais de psicanálise. Também foi criada uma policlínica analítica, onde era oferecido tratamento gratuito, como forma de proporcionar aos analistas um espaço onde pudessem praticar a psicanálise. Millot (2006) nos informa que a formação no Instituto de Berlim durava aproximadamente um ano e meio, sendo que a análise didática obrigatória durava cerca de seis meses. O ensino teórico só poderia ser iniciado após o término da análise didática e duravam dois semestres.

Aos analistas em formação eram confiados pacientes, de quem cujas análises estes deveriam prestar contas aos analistas mais experientes, nascendo nesse contexto, a análise sob supervisão. Estabelece-se, então, o modelo de formação chamado de tripé-freudiano composto pelo ensino teórico, análise pessoal e supervisão, sendo este adotado por todas as sociedades de psicanálise daquela época. Entretanto, não havia naquele contexto nenhuma reflexão a respeito destes dispositivos. Tornou-se uma prática comum diferenciar a análise didática da análise terapêutica, efetuada por não analistas. A supervisão, por sua vez, era utilizada como garantia do controle dos analistas mais experientes sob os iniciantes, tornando-se, na verdade, um dispositivo de seleção e não de formação.

Posteriormente, a questão da prática da psicanálise por não médicos, suscitou acirrados debates quando, em 1926, Theodor Reik, membro não médico da Sociedade Psicanalítica de Viena foi acusado de “charlatanismo” por violar uma lei austríaca que proibia não médicos de proporcionar qualquer tipo de tratamento. Freud, que até então se mantinha a parte, não demorou sair em sua defesa através do artigo “A questão da análise leiga”, onde mantém um diálogo imaginário com um membro da corte austríaca. Nesse artigo Freud posiciona-se contra a regulamentação do ofício de psicanalista, ao mesmo tempo em que defende a prática da psicanálise por não médicos, o que garantiria, segundo ele, a inserção da psicanálise na cultura. Freud evoca os conceitos de inconsciente, complexo de Édipo, assim como, as formulações da segunda tópica sobre o eu, para colocar em destaque que são estes conceitos que sustentam a clínica psicanalítica. Destaca também que, a formação analítica não depende de qualquer conhecimento da ciência médica e que, por vezes, a formação médica pode se constituir como uma forma de resistência à psicanálise.

Millot (2006) chama a atenção para a ausência de teorização sobre a questão da formação e a rigidez adotada pelo Instituto de Berlim que, tomando uma direção contrária às formulações freudianas apresentadas em 1926, impõe um modelo de

formação que seguia os moldes de uma formação médica universitária. A partir de 1930 a rigidez evolui de forma decisiva com o aumento das exigências, tal como descreve Millot:

... eram exigidas certas qualidades pessoais (como maturidade de personalidade, firmeza de caráter e atributos psicológicos) e excluídos os neuróticos graves. No plano da formação científica, os médicos deveriam ter terminado seus estudos de medicina; os não médicos deveriam igualmente ter concluído seus estudos de nível superior em uma área a fim da psicanálise. A formação começa com uma análise didática diária, que deveria durar ao menos um ano. Os resultados da análise deveriam ser levados ao julgamento da Comissão de Formação do Instituto, que decidia o momento em que se poderia começar a clinicar sob supervisão (p.29).

O que se instaura nas sociedades psicanalíticas é uma formação pautada nos ideais conformistas, no prazer do sucesso individual, no amor pela norma e na ausência de julgamento e curiosidade. Desde que obedecessem as diretrizes impostas pelos institutos de formação, o analista estava livre para escolher, de acordo com seus afetos, transferências e o país em que vive sua orientação teórica, não importando se este se afastava ou não da metapsicologia freudiana (ROUDINESCO, 2006).

Todo empenho feito pelas sociedades psicanalíticas vinculas a IPA em prol da institucionalização da formação foi acompanhado à distância por Freud. No entanto, Freud não deixou de especificar sua posição em relação à formação do analista. Em diversos artigos destacou a necessidade de que o analista não fosse formado apenas na “teoria” psicanalítica, mas que este deveria antes de tudo, submeter-se a uma análise para ter “a experiência de que sua própria pessoa é afetada – ou antes, sua própria mente – pelos processos afirmados pela análise” adquirindo por esta via, “as convicções pelas quais são ulteriormente orientados como analistas”(FREUD, 1926, p. 194). Para Freud, somente a análise pessoal do analista é capaz de guiá-lo em sua prática como psicanalista.

Entretanto, a recomendação feita por Freud de que todo analista deveria ser analisado, não se pautou em uma formalização da formação, mas na necessidade de que o analista aperfeiçoasse sua escuta. Por outro lado, Freud nunca admitiu a diferença feita pelos institutos de formação entre análise didática e análise terapêutica e nem mesmo determinou seu tempo e duração, cabendo a cada analista responsabilizar-se por sua formação.

A forma como a análise didática - tal como proposta pela IPA - era praticada é questionável tendo em vista que estabelece regras rígidas que deveriam ser seguidas

pelos analistas didatas quando estes conduziam o tratamento dos analistas em formação. É possível que em tal situação tanto o ensino, quanto o tratamento estejam comprometidos, pois como pode um analista na posição de didáta escutar livremente e sem preconceitos seu paciente tendo, ao mesmo tempo, que avaliá-lo? Ou ele ensina ou ele escuta. Tal prática na realidade compromete o caráter sagrado da análise pessoal do analista como sendo um dispositivo de passagem necessário para que o desejo de exercer a função de psicanalista possa advir. Lacan entendia que a análise só pode revelar-se como tendo sido didática só-depois, ou seja, quando o desejo do analista se fizer presente na experiência psicanalítica.

Freud no artigo “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” afirma que “A psicanálise faz em seu favor a reivindicação de que, em sua execução, tratamento e investigação coincidam” (FREUD, 1912, p. 128), o que nos permite entender que a prática da supervisão, seguida do estudo teórico, são processos que se estabelecem a partir da experiência do analista em sua clínica. A supervisão não deve ser tomada como um dispositivo de controle dos analistas em formação, tal como determinado pelo IPA, mas sim como algo inerente ao próprio dispositivo analítico, devendo ser considerada a subjetividade do sujeito e seu compromisso com a formação.

Freud, ao contrário da IPA, nunca impôs técnicas rígidas para que a experiência psicanalítica acontecesse, colocando que a única regra fundamental da psicanálise seria do lado do analisante – a associação livre – e sua contrapartida – do lado do analista – a escuta flutuante. A aparente liberdade conferida por esta regra, na verdade coloca questões que comprometem o ser do próprio analista, exigindo que sua postura ética seja o diferencial na direção do tratamento.

Com a criação da IPA e a institucionalização da formação, a psicanálise vai aos poucos perdendo seu caráter de ser um movimento, ao mesmo tempo em que assume um caráter de fixidez tendo em vista a falta de questionamento e de reflexão sobre qual seria o verdadeiro papel da instituição psicanalítica na transmissão da psicanálise.

Pressupõe-se, contudo, que a rigidez adotada pela IPA seja a expressão de uma resistência à psicanálise, que na realidade, nunca deixou de existir. Essas resistências se refletem não só na rigidez imposta na formação do psicanalista, mas também nas mudanças efetuadas no manejo da técnica analítica com o propósito de abreviar o tempo gasto no tratamento¹.

¹ O “método ativo” desenvolvido por Ferenczi postulava que o psicanalista deveria intervir de forma mais “ativa” dando afeto aos pacientes mais difíceis com o objetivo de abreviar o tempo do tratamento. Freud

Por outro lado, a adesão da comunidade psicanalítica a chamada *psicologia do ego*, teoria que se tornara popular nos Estados Unidos e Inglaterra evidencia um afastamento gradativo dos psicanalistas, não só do método psicanalítico como também da própria metapsicologia freudiana, que centrava a prática psicanalítica em torno da análise dos processos inconscientes. Voltaremos a essa questão, mais adiante.

Em síntese, a história da institucionalização da psicanálise levanta questões importantes para pensar sobre o papel da instituição psicanalítica na formação do psicanalista. Um ponto a ser considerado é que a instituição que se instalou em 1910 e que se mantém até o presente momento, propõe um modelo de formação que não considera a dimensão da experiência psicanalítica, tal como foi experimentada por Freud na construção do campo psicanalítico. Por outro lado, é preciso considerar que se a criação da psicanálise se deu a partir do desejo de saber de Freud, somos levados a pensar que uma instituição psicanalítica só formará analistas de fato, se houver espaço para que o desejo de cada analista em formação advenha. A instituição constitui-se como um espaço privilegiado de circulação do discurso psicanalítico onde ensino, supervisão e experiência psicanalítica funcionam como o motor da transmissão da causa freudiana.

manifestou-se contrário a esse procedimento no artigo intitulado “Linhas de progresso na terapia psicanalítica” publicado em 1919.

Referências:

COTTET, S. *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1982.

DIDIER-WEILL, A. *A questão da formação do psicanalista para Lacan* in JORGE, M. A.C. (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2006.

FREUD, S *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1910) As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. Vol. XI.

_____ (1912) Observações sobre o amor de transferência. Vol. XII.

_____ (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Vol. XII.

_____ (1914) A história do movimento psicanalítico. Vol. XIV.

_____ (1919) Linhas de progresso da terapia psicanalítica. Vol.XVII.

_____ (1925) Um estudo autobiográfico. Vol. XX.

_____ (1926) A questão da análise leiga. Vol. XX.

_____ (1932) Análise terminável e interminável. Vol. XXIII

JORGE, M. A. C.. *Lacan e a estrutura da formação psicanalítica* in *Lacan e a formação do analista*. Rio de Janeiro: Contra capa. 2006.

LEITE, S.. *Considerações sobre experiência psicanalítica*. Acheronta Revista de Psicoanálisis e Cultura. Vol. 9. Julho/1999. Disponível em www.acheronta.org

MILLOT, C. *Sobre a história da formação dos analistas*. In: JORGE, M. A.C..(Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2006.

ROUDINESCO, E. *Retraimento individual e mal-estar coletivo* in JORGE, M. A.C. (Org.). *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contra Capa. 2006.

ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

**ABOUT THE FORMATION OF THE PSYCHOANALYST: BETWEEN THE
PSYCHOANALYTIC MOVEMENT AND THE INSTITUTIONALIZATION OF
PSYCHOANALYSIS**

ABSTRACT:

Our purpose is to define the importance of the theme of the training analyst. To this end, we describe how the desire to know Freud became the starting point for the construction of the psychoanalytic field and how this is linked to the size of the unique experience lived by its creator. In this direction, we address the issue of institutionalization of psychoanalysis and dilemmas that arose the question of the formation of the analyst from the moment in which the criteria for transmission have assumed a character of fixity.

KEYWORDS: Training. Psychoanalysis. Institution.

**À PROPOS DE LA FORMATION DU PSYCHANALYSTE: ENTRE LE
MOUVEMENT PSYCHANALYTIQUE ET L'INSTITUTIONNALISATION DE
LA PSYCHANALYSE**

RÉSUMÉ:

Le but de cette étude est de définir l'importance du thème de l'analyste de formation. Ils se décrivent comme un désir de connaître Freud est devenu le point de départ pour la construction du champ psychanalytique et comment cela est lié à la taille de l'expérience unique vécue par son créateur. En ce sens, nous abordons la question de l'institutionnalisation de la psychanalyse et les dilemmes qui se posent la question de la formation de l'analyste partir du moment où les critères de sa transmission ont pris un caractère de fixité.

MOTS-CLÉS: Formation. Psychanalyse. Institution.

Sobre a formação do psicanalista: entre o movimento psicanalítico e a
institucionalização da psicanálise

Recebido em: 14-07-2014

Aprovado em: 28-09-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista